

**UM RIO DE HISTÓRIAS: LUTA E TRABALHO DE MULHERES RIBEIRINHAS DA
COMUNIDADE NOSSA SENHORA DA PAZ/ ITACOATIARA-AM 1990-2000**

Raissa Nogueira Moreira¹
Hiana Rodrigues Da Silva Magalhães²

RESUMO: Esse artigo relata as experiências de mulheres ribeirinhas da Comunidade Nossa Senhora da Paz, onde um rio de histórias reflete as memórias de luta e de trabalho dessas mulheres. O objetivo é identificar os trabalhos que essas mulheres exercem, contextualizando suas histórias de vida e a importância de suas experiências. A História Oral é usada como fonte principal a partir dos testemunhos de vida das mulheres ribeirinhas, com as perspectivas relevantes da História local, abordando o contexto da comunidade e o festejo em honra a santa Padroeira de Nossa Senhora da Paz. A luta, o trabalho, o cotidiano e suas trajetórias, no contexto da valorização da mulher ribeirinha e com isso destaca-se a importância de reconhecer-se nesse papel social a partir da memória revelada em suas falas.

Palavras-chave: História Oral. Mulheres ribeirinhas. Trabalho. Memória. Itacoatiara AM

1. INTRODUÇÃO

[...] A força maior é as mulheres que trabalham, né...[...]trabalha aqui na nossa comunidade. ³

As “mulheres falam ao mundo, comunicam suas existências por meio do seu trabalho”⁴. Não é o aspecto de produção humana que funda as condições de ser histórico e social das mulheres. “São as suas práticas sociais decorrentes do seu trabalho. Cabe às ciências reconhecerem o aspecto produtivo do trabalho das mulheres”.

Iniciamos este trabalho a partir de uma das falas de nossa colaboradora nesta pesquisa, Senhora Olenise Leal, mulher ribeirinha que atua na comunidade. Um Rio de História de mulheres ribeirinhas da Comunidade rural Nossa Senhora da Paz/ no município de Itacoatiara, traz à tona a problemática sobre questões como a construção e o reconhecimento de identidades

¹Graduanda pelo curso de Licenciatura em História Mediado por Tecnologia na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), e-mail: mmr.hst19@uea.edu.br.

² Professora Orientadora: Professora Assistente da Universidade do Estado do Amazonas, Mestre em História Social pela Universidade Federal do Amazonas – AM, e-mail: hrmagalhaes@uea.edu.br.

³ Olenise Leal Nogueira. Entrevista realizada na sua residência, na Costa da Conceição na comunidade, Nossa Senhora da Paz, no dia 06 de julho de 2024, por Raíssa Nogueira Moreira.

⁴ Torres, Iraildes Caldas (Org.). O ethos das mulheres da floresta. / Organização: Iraildes Caldas Torres. - Manaus: Editora Valer/ Fapeam,2012. (p. 208)

destas mulheres, percebendo a realidade através de novas perspectivas, a luta coletiva colabora para a construção de espaços na sociedade a qual elas pertencem e atuam cotidianamente.

Neste sentido, mulheres ribeirinhas não são exceção, falam ao mundo através de seus trabalhos e vivências, evidenciando a importância de suas existências e de suas histórias de vida e experiências do cotidiano. No contexto de valorização das histórias, apresento estas mulheres ribeirinhas que se identificam e se reconhecem, são oriundas da Comunidade Nossa Senhora da Paz, suas identidades trazem consigo lutas de trabalho e atuação social no seu lugar de origem, são histórias que mostram força e determinação o que caracteriza cada uma em seu jeito de ser.

Contudo, para conhecermos as histórias de vida dessas mulheres, buscamos primeiro conhecer a História Local que tem a total relevância da história de luta e trabalho dessas mulheres ribeirinhas que são: mães de família, avós, filhas, trabalhadoras e atuantes na comunidade. A atuação destas mulheres ribeirinhas foi trabalhada a partir de uma História Oral, são as narrativas orais que fundamentam esta pesquisa. Thompson⁵ compreende que "em alguns campos, a história oral pode resultar não apenas numa mudança de enfoque, mas também na abertura de novas áreas importantes de investigação", a relevância nos relatos destas colaboradoras nos forneceu as fontes documentais a partir das narrativas orais transcritas essenciais para elaboração deste trabalho de pesquisa, conforme Meihy (2005, p. 149).

A história oral de vida é o retrato oficial do depoente. Nesse sentido, a "verdade" está na versão oferecida pelo narrador, que é soberano para revelar ou ocultar casos, situações e pessoas. No encaminhamento mais comum adotado para a história oral de vida, a periodização da existência do entrevistado é um recurso importante, pois organiza a narrativa com base em fatos que serão considerados em contextos vivenciais subjetivos. A personalização do enquadramento da narrativa deve valorizar os vetores que indicam a história do indivíduo como centro das atenções.

Assim também como o trabalho de memória que desempenha um papel central nesse processo. Segundo Meihy (2005, p. 63).

Memória são lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos, objetivos e materiais. As memórias podem ser individuais, sociais ou coletivas.

⁵ Thompson, Paul. A voz do passado- história oral. Pág. 27

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Esse trabalho de organização é essencial pois retratam as identidades dessas mulheres e trazem à tona as narrativas através de suas vivências e de suas memórias que muitas vezes são coletivas. Conforme argumenta o historiador Le Goff (1990, p. 49), “a historiografia surge como sequência de novas leituras do passado”. Então ao considerarmos as histórias das mulheres ribeirinhas, permite uma reinterpretação e valorização das suas contribuições e vivências no contexto histórico e social. Através dessa nova leitura, suas histórias ganham visibilidade e reconhecimento, destacando a relevância de suas experiências para a construção da memória coletiva.

Simone de Beauvoir (1949), filósofa existencialista, ao escrever sobre este universo feminino e a construção de papéis que as mulheres exercem e representam nos seus espaços cotidianos, podemos entender que este oferece uma perspectiva fundamental para esta pesquisa, onde na sua famosa declaração, "não se nasce mulher, torna-se uma", destaca o processo de construção da identidade feminina, que é moldada pelas suas experiências. Assim, cabe pensarmos o papel político de protagonismo destas, na comunidade.

Para alcançar os objetivos propostos, foi adotada uma abordagem metodológica seguindo as orientações da obra de Barros, (2005, p. 22) que afirma, “Um projeto é uma proposta de realizar algo, é um roteiro, um instrumento de planejamento”. Então devemos seguir conforme o pré-projeto. Sendo assim, esse estudo consiste em uma abordagem qualitativa, dividido nas seguintes etapas: pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo, para a coleta de dados foi realizada a observação das colaboradoras, a história oral com entrevistas semiestruturadas a partir de um questionário, foram usadas fontes materiais como celular usado como gravador de voz e outro celular para filmagens e fontes documentais como, fotos das colaboradoras, carta do bispo, a benção da Capela de Nossa Senhora da Paz e o convite do festejo da comunidade.

A pesquisa de campo foi desenvolvida na zona rural do município de Itacoatiara, na comunidade ribeirinha de Nossa Senhora da Paz, com as entrevistas nos dias 06 de julho de 2024 e logo deu-se início as transcrições. Dia 27 de outubro de 2024, observação das mulheres ribeirinhas em prol ao festejo da comunidade. Ao longo da pesquisa usei em três tópicos, onde abordarei, o contexto histórico da Comunidade Nossa Senhora da Paz, o festejo religioso da Comunidade Nossa Senhora da Paz e a História Oral a partir das falas de Mulheres ribeirinhas na comunidade Nossa Senhora da Paz.

2. CONTEXTO HISTÓRICO DA COMUNIDADE NOSSA SENHORA DA PAZ ⁶

Nasci, me criei e estou até hoje aqui na localidade, Nossa Senhora da Paz [...] antigamente, não existia a comunidade... antes só era uma localidade ⁷.

A comunidade Nossa Senhora da Paz, foi fundada no dia 27 de outubro de 1990, com a ajuda dos comunitários. Inicialmente a igreja foi feita de madeira, com a parte da frente de alvenaria. E a benção do bispo somente dois anos depois da inauguração, no dia 27 de janeiro de 1992, onde realizou-se na capela de Nossa Senhora da Paz, juntamente com as comunidades vizinhas, fizeram uma grande festa e com a ajuda de comunitários fizeram uma grandiosa celebração ⁸. A comunidade está situada no povoado da Costa da Conceição, zona rural do município de Itacoatiara, o povoado da Costa da Conceição é formado por seis comunidades, dentre as quais está a Comunidade Nossa Senhora da Paz. As seis comunidades são: São Pedro do Iracema, Nossa Senhora da Paz, Nossa Senhora das Graças, Coronel Serudo Martins, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Segundo a pesquisadora, Maria de Nazaré Leal Nogueira ⁹, (2017, p 38) nos explica que:

A criação e o nome que a comunidade recebeu partiu do fato de algumas famílias se sentirem excluídas frente às outras de classes mais elitizadas, fato que causava desavenças. A comunidade foi formada inicialmente por 15 famílias e a organização dava-se por um presidente, dois Agentes Comunitários de Saúde, três professoras, um grupo de jovens, um grupo de mulheres e comissões de homens.

O acesso às comunidades, dá-se apenas por meio de embarcações fluviais, tanto do município quanto da capital Manaus, com embarcações de pequeno ou grande porte. De Itacoatiara até a comunidade Nossa Senhora da Paz indo de barco, são de 3 horas a 3 horas e meia de viagem.

⁶ A partir de uma conversa informal com a senhora Marivane Leal Nogueira, atualmente presidente da comunidade, cujo mandato desde setembro de 2021 até setembro de 2025.

⁷ Segunda colaboradora Dona Maria Orilza Leal Seixas, 68 anos, 3 filhos. Entrevista realizada dia 06/07/2024, na sua residência na comunidade, nascida e criada na localidade da costa da Conceição.

⁸ Informações obtidas foram retiradas do documento da benção da capela de Nossa Senhora da Paz, entregue em mãos pela senhora Maria Orilza Leal Seixas, que guarda para futuros estudos sobre a comunidade.

⁹ Nogueira, Maria De Nazaré Leal. O ensino escolar e o contexto sociocultural e ambiental de comunidades ribeirinhas no interior do estado do Amazonas, 2017. Tese de Mestrado.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

A comunidade de Nossa Senhora da Paz está localizada na margem direita, subindo o rio Amazonas, com o total de 50 famílias cadastradas e usando a carteira da comunidade rural, com o número de pessoas que está entre 100 e 130 pessoas que residem na comunidade. Contudo suas moradias são feitas de madeira, que são retiradas da floresta no tempo de cheia.

Por conta das grandes enchentes, que normalmente adentram as casas, os moradores muitas das vezes buscam construir um tipo de piso sobre o piso, (maromba) para não abandonarem suas casas nesse período. A principal fonte de renda vem da agricultura familiar e da pesca.

Atualmente o conselho administrativo da comunidade conta com um presidente, um vice-presidente, um tesoureiro e um secretário¹⁰. A sede da comunidade fica localizada ao lado da igreja de Nossa Senhora da Paz e ao fundo há uma casinha onde guardam os mantimentos, bebidas e as comidas antes dos festejos. A igreja de Nossa Senhora da Paz é a única na comunidade a ser construída de alvenaria e suas cores branca e amarela, seguindo as cores do centro comunitário.

Figura 1- Comunidade Nossa Senhora da Paz - Costa da Conceição



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

¹⁰ As informações do contexto da comunidade foram em uma conversa informal com a senhora, Marivane Leal Nogueira, 45 anos e a senhora, Olenise Leal Nogueira, que revelou o número de pessoas que moram ou atuam na comunidade, informou o conselho administrativo e revelou as informações presentes ao longo do tópico.

2.1 Festejos religiosos - Comunidade Nossa Senhora da Paz

A religiosidade é a parte central da Comunidade Nossa Senhora da Paz, sendo a Igreja um cartão postal. As festividades em honra a Nossa Senhora da Paz, acontecem entre o período de 18 ao dia 27 de outubro, durante os dias de festas as mulheres da comunidade juntam-se para limpeza do local, nas preparações para as vendas de comidas e bebidas. A primeira colaboradora¹¹ relata que “[...] a gente faz também o trabalho de limpeza e mutirão e assim para limpar a área da comunidade e cada um tem seu trabalho na sua família”.

A colaboradora nos diz que há um encontro de mulheres aos domingos para estudar a palavra de Deus, onde elas se reúnem para celebração do culto. “O encontro de mulheres que nós fazemos na comunidade é quando a gente se reúne, [...] para estudar, nós estudamos a palavra de Deus né. Para celebrar o culto, então a gente se reúne aos domingos assim”.

As imagens referentes, são representações da fé e um elo significativo que as reúnem. Dona Olenise Leal Nogueira, representada na figura 3, faz questão de mostrar a Santa Nossa Senhora da Paz. A figura 4, representa o encontro de mulheres que estavam em oração, em um domingo após a celebração da Santa Missa, ambas retiradas no dia 07 de julho de 2024 domingo, às 10:45 horas, na igreja de Nossa Senhora da Paz na Costa da Conceição.

Figura 3 – Encontro de mulheres



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024)

Figura 4 – Encontro de mulheres



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024)

¹¹ A primeira colaboradora Olenise Leal Nogueira, entrevista realizada no dia 06 de julho de 2024, na residência dela na comunidade.

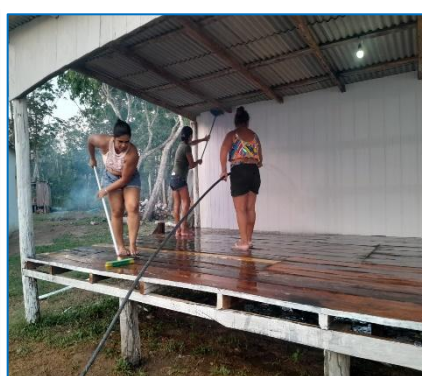
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

As informações a seguir foram retiradas do convite da comunidade, conforme recebido no dia 23 de outubro de 2024, entregue pela primeira colaboradora Olenise Leal Nogueira, no convite consta as seguintes informações:

A comunidade católica de Nossa Senhora da Paz, Costa da Conceição, Paróquia Divino Espírito Santo, tem a honra em convidar as comunidades para juntos participarmos dos festejos em honra a Nossa Senhora da Paz. Que será realizada no período de 18 a 27 de outubro de 2024.

No dia 27 de outubro de 2024, um domingo, realizou-se a grandiosa festa, em honra à Santa Padroeira de Nossa Senhora da Paz. Começando as festividades às 06:00 horas da manhã com oração e salva de fogos, às 14:00 horas acolhida das comunidades, às 15:00 horas Procissão, às 16:00 horas, Santa missa, batismo e Eucaristia, 17:30 horas derrubada do mastro, às 18:30 horas jantar com os presentes, 19:30 apresentação das comunidades, 22:30 ação entre os devotos, com bingo e sorteios com muitos prêmios.

No campo da pesquisa, observou-se que a comunidade estava completamente envolvida para a realização da festa, conforme as imagens, fotografadas no dia 27 de outubro de 2024, pela autora, ao decorrer de toda programação, notou-se que as mulheres ribeirinhas se fazem presentes e são atuantes no que se propõem a fazer, são a maioria na comunidade e o trabalho coletivo destas é o que mantem a festa viva durante todos os anos.



2.2 A História Oral a partir das falas de Mulheres ribeirinhas na comunidade Nossa Senhora da Paz

Minha terra tem histórias que precisam ser contadas, elas são maravilhosas e devem ser lembradas.

Tem um Rio que passa em frente com o volume da água permanente, era fartura constante, cheia de peixe bastante, pirarucu, peixe boi, tartaruga e o famoso tracajá, tínhamos naquela época os flechadores do lugar, Joviniano, João Nogueira, Félix e o Senhor Pereira. Quando eles iam pescar as pessoas iam olhar em cima da ribanceira, vendo eles flechar.

As senhoras tinham planta medicinal, fazia um bom remédio natural, não se falava em pressão alta pois tudo era normal. Os alimentos eram bons ricos em vitamina, viviam todos saudáveis, velho, curumim e menina, a cultura era indígena, por isso não se tinha ruína, o respeito e a obediência eram parceiros legais. Não tinha violência, lugar bom demais, passeavam senhores, senhoras, moça e rapaz e o olhar do pai para o filho dizia, tudo era capaz”. (SEIXAS, Maria Orilza, 2024)

O poema acima retrata lembranças de antigamente, as vivências dos ribeirinhos, destacando uma memória afetiva de nossa colaboradora, a senhora Maria Orilza Leal Seixas, que diz: “Tenho muita saudade daquele tempo, porque era só festa [...] você andava a qualquer hora, você passeava, não tinha esse medo que nós temos hoje, não... Antigamente, era bom demais”.

A colaboradora, usando uma memória expressa a saudade, com seu poema simboliza as vivências comunitárias, uma saudade coletiva e contando como eram felizes, expressando o medo e as mudanças. Segundo Magalhães, (2012, p. 49):

A memória estabelece as relações pessoais da comunidade com o grupo, vinculado pelas ações... permeadas de representações pessoais e culturais, contribuindo para o sentimento de pertencimento ao passado em comum, o sentimento de identidade calcado numa memória social não só no campo histórico, mas, sobretudo, no campo simbólico.

A história oral possibilitou o trabalho de pesquisa com essas mulheres na busca de entendermos melhor o cotidiano destas, na trajetória de suas vidas. Para (Meihy, 1943, p. 32) "oralidade caracteriza um conjunto de expressões preexistentes que se constituem em manifestações sonoras, expressadas em condições culturais mais ou menos resistentes".

As colaboradoras são três mulheres, com personalidades fortes e uma alegria contagiante, a primeira Dona Olenise Leal Nogueira, 66 anos, 11 filhos. A segunda Dona Maria Orilza Leal Seixas, 68 anos, 3 filhos, e a terceira é a dona Maria Do Carmo dos Santos Leal, 89 anos, 12 filhos. O percurso da entrevista me levou a seguir um roteiro de perguntas. As

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

entrevistas foram realizadas nas residências delas, na comunidade. Neste contexto me refiro como “colaboradoras” as mulheres que me cederam seu tempo e por isso colaboram para a pesquisa, Segundo (Meihy 2005, p. 116). “O conceito de colaboração implica, pelo menos, presença de dois ou mais participantes em uma ou múltiplas sessões de entrevistas gravadas segundo princípios planejados e com fins estabelecidos.

Cada entrevista foi gentilmente marcada de acordo como determinado pelas colaboradoras, cabe pensarmos que a partir da primeira entrevista inicia-se o trabalho de pesquisa no dia 06 de julho de 2024, sábado, onde entrevistei as três colaboradoras, deixando-as à vontade para escolher o lugar, onde as colaboradoras entrevistadas se sentiam bem, pois (Meihy, 2005, p. 111), relata que: “A fim de produzir melhores condições para as entrevistas, o local escolhido é fundamental. Deve-se, sempre que possível, deixar o colaborador decidir onde gostaria de gravar o depoimento”.

A terceira colaboradora Dona Maria Do Carmo, nos fala um pouco sobre o reconhecimento identitário quanto a ser uma ribeirinha, em uma de suas falas, diz: “me reconheço como uma mulher ribeirinha, porque eu nasci nesse ribeirão de Amazonas”. Conforme Iraildes Caldas Torres (2012, p.17) “as famílias residentes na área rural banhada pelo rio recebem a nomenclatura de ribeirinhas, isto é, são aquelas que moram na ribeira do rio”. Nossa primeira colaboradora, dona Olenise Leal, em uma de suas falas, diz:

Eu vivo feliz, que eu vejo as águas [...], aonde a gente pode fazer uso dela para limpeza e tomar, alimentação e tudo mais né... pegar peixe, quando passa na época de jaraqui, que pra mim é uma felicidade.

Renan Freitas Pinto (2020, p. 39), sobre esse cotidiano de mulheres ribeirinhas e a jornada de trabalho e atuação na comunidade, salienta:

A rotina de trabalho das mulheres é preenchida com uma sobrecarga de atividades em que o tempo é dividido entre o espaço da casa [...]outro espaço é a roça onde as mulheres integram um dos componentes chave da unidade familiar definidas na divisão social do trabalho no contexto da agricultura. Além do plantio da mandioca para a produção da farinha amarela, que é o cultivo mais importante das populações ribeirinhas dessa região amazônica.

A segunda colaboradora Dona Maria Orilza, diz que ser ribeirinha tem seus prejuízos, mas também tem seus ganhos, segue a fala:

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

A gente como ribeirinha... A gente planta... A gente produz [...], mas tem aquela esperança... A enchente, ela leva sim nosso produto, mas depois ela enriquece a terra... A gente planta feijão, jerimum, aí tá feste (fértil) a terra... então, tem seus prejuízos, mas tem seus ganhos também.

Na relação da experiência de trabalho essas mulheres se reconhecem e se identificam, cabe pensarmos que o trabalho é fator principal no papel comunitário que exercem. Dona Olenise Leal, nos diz:

Sim, antes eu trabalhei muito na agricultura e pra botar meus filhos para estudar né. Trabalhei também na área de professor alguns anos. Que antes poderia trabalhar quem tivesse o ensino fundamental, né? Aqui na no interior e ainda trabalhei uns anos e, trabalhava pra manter meus filhos na cidade, para continuar o estudo deles, tinha vez que eu terminava de tirar poupa 11 da noite, tirando poupa para juntar o dinheirinho para mandar para eles estudarem na cidade e graças a Deus eles chegaram a se formar e hoje estão trabalhando na área deles. E aí eu continuo, também me aposentei, mas continuo trabalhando na agricultura na mandioca... no maracujá.

E a mesma colaboradora em outro momento relata: “Hoje em dia eu trabalho, eu planto de banana, eu tenho banana, eu planto mandioca né, eu faço farinha, eu planto peroba, eu vendo a poupa né? É isso, eu ganho um dinheirinho né”.

A segunda colaboradora, Dona Maria Orilza Leal Seixas, relata que estudou, “Só até a quarta série... é o que tinha antes... só a quarta série e pronto”. Contudo relata que com a quarta série, foi professora.

...Eu trabalhei uns anos como professora rural... Eu só tinha a quarta série... Mas naquela época... a gente ia para a sede do município, fazia os treinamento... E a gente trabalhava, interessante porque era os nível... Era de primeira, quarta série... e a gente dava conta e eles aprendiam, isso que era mais bonito, que eles aprendiam... Hoje eu tenho aluna que que é professora que é de nível superior, que trabalham no nível superior, e eu tenho vez... eu fico pensando...eu apenas com quarta série... mas elas passaram pela minha mão né.

A colaboradora, Maria do Carmo fala que ajudava o marido no trabalho diz que:

...Meu marido sempre foi agricultor... A gente plantava milho, a gente plantava feijão, a gente plantava mandioca, essas coisas assim, o jerimum aaa a gente plantava isso, era nisso que eu o ajudava, tinha meu balcãozinho na beira da casa, da cebola do coentro da couve... Dava pra sobreviver.

Dona Maria Orilza, gosta de trabalhar, gosta da animação, gosta da vivência comunitária, quando é tempo da festa da padroeira faz seus poemas, suas músicas e apresenta aos demais. Afirma que:

“Eu trabalho... gosto muito de trabalhar... eu capino, eu roço, eu planto, E eu gosto de tá na comunidade ... eu canto... Eu apresento quando é a festa da padroeira...Eu gosto da animação”.

Experiências de trabalho permeiam essa memória coletiva deste grupo de colaboradoras. O trabalho comunitário são fatos principais que fazem parte dessa labuta diária e a participação destas são essenciais na trajetória de suas vidas, mostrando a valorização do trabalho que as exercem, traduzindo sua cultura, sua fé e suas origens.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste relato de experiência, onde a pesquisa aborda a trajetória de três mulheres ribeirinhas, a luta, o trabalho, as vivências e as experiências no contexto da comunidade, evidenciando o papel identitário de cada uma ao reconhecer-se como uma mulher ribeirinha, Dona Olenise Leal, se identifica, e com orgulho fala “sim, eu sou ribeirinha, porque eu vivo na margem do Rio Amazonas”. Assim como as três mulheres que narram suas histórias, eu também me insiro neste contexto, a minha história dialoga com as de Olenise, Maria Orilza e Maria do Carmo, assim também me reconheço como uma mulher ribeirinha, e desde o início deste curso de história organizei minha vida deixando minha comunidade para cursar a universidade e com minha filha que foi quem me acompanhou nesta jornada seguimos juntas até aqui, agora com a realização deste trabalho.

As mudanças nas estruturas socioculturais e econômicas na sociedade não surgem de algo exterior as experiências de mulheres e homens, que na medida de sua interação com o mundo agem produzindo e reproduzindo não somente os materiais necessários, mas valores, costumes, viveres que vão se modificando e se adequando ao espaço vivido e que cada sujeito carrega suas características particulares, moldando sua própria identidade” (APOLÔNIO; FERREIRA, 2015, p.260).

Deste modo, cabe pensarmos que este rio que carrega consigo tantas histórias, testemunhou minha jornada e a de tantas outras mulheres que, ao longo do tempo, foram protagonistas e agentes de transformações em suas comunidades por retornarem e retomarem suas vidas e seus papéis sociais.

Com muita responsabilidade e o devido respeito, narrei histórias e memórias destas mulheres, filhas da comunidade Nossa Senhora da Paz, Costa da Conceição. O Rio Amazonas que passa em frente de nossas casas nos relaciona e nos aproxima, tem seu papel central na

vivência dessas ribeirinhas, um rio abundante, que leva em suas águas histórias e memórias de toda uma comunidade.

Por fim, é importante ressaltar que, este estudo contribui para uma história das mulheres no lugar, na região, mas também abre novas perspectivas para futuras pesquisas científicas no campo da historiografia, sobre vidas, sobre história local, a memória e narrativas, as que se fazem essenciais para as interpretações desta memória coletiva e o trabalho do recorte histórico, necessário para se fazer o estudo sobre a comunidade e perceber as atividades cotidianas e como elas se fazem presente passando gerações. Cada mulher interpreta um legado, sempre evidenciando a história, e as significativas experiências, que tecem um caminho do tempo vivo dessa memória, que cristaliza apelos, afetos e lembranças.

4. FONTES ORAIS

LEAL, Maria do Carmo Santos, 89 anos, aposentada, entrevista realizada no dia 06 de julho de 2024.

NOGUEIRA, Olenise Leal, 66 anos, agricultora, entrevista realizada no dia 06 de julho de 2024.

SEIXAS, Maria Orilza Leal, 68 anos, agricultora, entrevista realizada no dia 06 de julho de 2024.

5. REFERÊNCIAS

APOLÔNIO, Dayanna Batista; FERREIRA, Arcangelo da Silva. Quando memórias suscitam histórias: vivências e experiências de mulheres no bairro Dejud Vieira, Cidade de Parintins (1980-1990). In: FERREIRA, Arcangelo da Silva *et al*, (Org). **Pensar, Fazer e Ensinar: Desafios para o ofício do Historiador no Amazonas**. Manaus: UEA, 2015.

BARROS, José D' Assunção. **O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: UNICAMP, 1990.

MAGALHÃES, Hiana Rodrigues da Silva. **O festival da canção de Parintins por meio das narrativas dos compositores: história, memória e identidade**. Manaus: Valer, 2021.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Memória e narrativa: História oral aplicada**. Paulo: Contexto, 2020.

NOGUEIRA, Maria de Nazaré Leal. **O ensino escolar e o contexto sociocultural e ambiental de comunidades ribeirinhas no interior do estado do Amazonas**. Dissertação (Mestrado em Ciências e Tecnologias para Recursos Amazônicos) – Universidade Federal do Amazonas- UFAM, p. 99, 2017.

PINTO, Renan Freitas. **Amazônia: apontamentos de história oral**. Manaus: Valer/PPGICH-UEA, 2020.

TORRES, Iraildes Caldas. **O ethos das mulheres da floresta**. Manaus: Valer, 2012.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado- história oral**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

6. ANEXOS:

Transcrições das entrevistas organizadas

Colaboradora - Olenise Leal Nogueira

Idade: 66 anos

Data de nascimento: 09/06/1958

Data da entrevista: 06/07/2024 Sábado.

Local da entrevista: Residência da colaboradora, na comunidade Nossa Senhora Da Paz.

Pesquisadora: Raissa Nogueira Moreira.

Primeira transcrição realizada entre os dias: 14 de julho de 2024 ao dia 16/08/2024



Fonte: acervo pessoal.

Pesquisadora: Essas são as transcrições das mulheres ribeirinhas da Comunidade Nossa Senhora da Paz, na Costa da Conceição, pesquisa realizada no dia 06 de julho de 2024, Sábado as 13:49 horas. Cuja pesquisadora fez as perguntas que estão enumerada ao longo das transcrições abaixo.

Entrevistadora - Boa tarde. Como a senhora se chama?

Colaboradora - *Olenise Leal Nogueira*

Entrevistadora - Qual é sua idade?

Colaboradora - *66 anos*

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Entrevistadora - A senhora nasceu na comunidade?

Colaboradora - *Nasci, aqui na costa da conceição.*

Entrevistadora - Sua mãe nasceu na comunidade?

Colaboradora - *sim, nasceu.*

Entrevistadora - A senhora estudou, seguiu os estudos até que série?

Colaboradora: *até o ensino médio. (risos e ruídos)*

Entrevistadora - Na sua família quantas mulheres trabalham? A senhora sabe mais ou menos?

Colaboradora - *(conta nos dedos, demora, fala baixinho) 6 6 mulheres? é*

Entrevistadora - É e quais foram esses trabalhos que elas passaram, qual é que elas pertencem am ou permanecem? nos meus filhos né? (é, nos seus filhos!)

Colaboradora - *(em voz alta conta nos dedos e fala as profissões de cada uma) Mara professora, Nazaré professora, a tia Mara a mamãe a tia Vany a tia Irlane, então tem,4 que são, que trabalham na área de professoras e tem uma que é agente de saúde e uma ainda não tá, como é que se diz? Atuando na sua área né, (Mas, fez faculdade também?) mas, fez faculdade também.*

Entrevistadora - A senhora casou?

Colaboradora - *casei*

Entrevistadora - Em que ano foi?

Colaboradora - *(suspiros) 74. (...)1974*

Entrevistadora - A senhora teve quantos filhos?

Colaboradora - *11 (11 filhos)*

Entrevistadora - E como é a vida aqui na comunidade, a senhora pode nos descrever o seu dia a dia assim brevemente? (sim, é antes ou agora? Atualmente! atualmente? Não, antes, antes)

Colaboradora - *Sim, antes eu trabalhei muito na agricultura e pra botar meus filhos para estudar né. Trabalhei também na área de professor alguns anos. Que antes poderia trabalhar quem tivesse o ensino fundamental, né? Aqui na no interior e ainda trabalhei uns anos e, trabalhava pra manter meus filhos na cidade, para continuar o estudo deles, tinha vez que eu terminava de tirar poupa 11 da noite, tirando poupa para juntar o dinheirinho para mandar para eles estudarem na cidade e graças a Deus eles chegaram a se formar e hoje estão trabalhando na área deles. E aí eu continuo, também me aposentei, mas continuo trabalhando na agricultura na mandioca na na no maracujá.*

Entrevistadora - Como a senhora a senhora colabora socialmente para o desenvolvimento da comunidade?

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Colaboradora - *Sim colaboro, que eu participo da comunidade social, né? E aí eu trabalho também na área de limpeza e trabalho assim na mensalidade, e de tudo que precisam estou aí né, pra ajudar né, então eu ajudo.*

Entrevistadora - As mulheres desenvolvem algum trabalho na comunidade? E qual a importância desse trabalho?

Colaboradora: *Bom, na comunidade mesmo, só na área, assim como a secretária, outra tesoureira. E a gente faz também o trabalho de limpeza e mutirão e assim para limpar a área da comunidade e todos nós trabalhamos né. (risos altos) E eu acho que sim, é isso. E na área também, que a gente trabalha individual, né? Cada um tem seu trabalho na sua família.*

Entrevistadora - A senhora estudou o ensino superior, fez faculdade, é ou algo assim?

Colaboradora - *Não, não cheguei a estudar não.*

Entrevistadora - E naquela época, qual era o seu salário que que a senhora ganhava como professora? Era, dava pra sustentar, dava para manter?

Colaboradora: *Não, porque era assim, uma parte a prefeitura pagava, e outra parte da Seduc, 40% era a a a Seduc, 60% era prefeitura. Então de um salário era dividido, né? Tinha vez que a prefeitura pagava, tinha vez que a Seduc não, e assim a gente vivia, trabalhava de tudo, né? na época.*

Entrevistadora - A senhora se reconhece como uma mulher ribeirinha?

Colaboradora: *sim, eu sou ribeirinha, porque eu vivo na margem do Rio Amazonas.*

Entrevistadora - E o que isso representa pra senhora?

Colaboradora - *(suspiros) pra mim representa que pelo menos eu vivo feliz, que eu vejo as águas, né... Aonde a gente pode fazer uso dela para limpeza e tomar, alimentação e tudo mais ne... pra mim pegar peixe né... no rio né quando passa na época de jaraqui, que pra mim é uma felicidade.*

Entrevistadora – E na história da sua família tem alguma mulher que lhe representa, que tenha representatividade, que a senhora gosta de lembrar com carinho assim, na sua família. Alguma mulher que fez história na sua família. (que fez né, já foi né que já morreu?) pode ser alguém que lhe inspire, que mostra que é tem representatividade tanto para a senhora quanto para a comunidade?

Colaboradora - *Aqui na comunidade mesmo acho que só... a minha mãe ... né é uma dessas mulheres... Minha mãe... Ela é uma pessoa que sempre ... nos tratou com muito carinho e desde cedo nos educou na fé cristã. Então, para mim é uma inspiradora para todos nós... Cuidou muito da nossa igreja... na limpeza também... quando ela podia, hoje já, porque ela não pode, né... Mas ela continua nos orientando e nos ajudando e mostrando para nós, como a gente deve viver Né...*

Entrevistadora - Tem algum encontro de mulheres na comunidade?

Colaboradora: Encontro de mulheres que nós fizemos na comunidade é quando a gente se reúne, né... nós se reunimos para estudar, nós estudamos a palavra de Deus né. Para celebrar o culto, então a gente se reúne aos domingos assim.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Entrevistadora - Existem mulheres que trabalham pelo bem da comunidade, que apoiam ou admiram a comunidade?

Colaboradora - *E muito, aqui a força maior é as mulheres que trabalham, né... Pelo menos a maioria é mulher que trabalha aqui na nossa comunidade.*

Entrevistadora - Aí a senhora é, é, está na igreja, né? A, sua filha é presidente da comunidade.

Colaboradora - *Sim*

Entrevistadora - A senhora criou seus filhos sozinha, ou contou com a ajuda do companheiro, marido?

Colaboradora - *Não. Eu. Eu criei meus filhos juntamente com meu marido, né? Assim, eu trabalhava muito e ele também me ajudava. Né ... assim... Para poder criar eles né nós trabalhamos juntos...*

Entrevistadora - E hoje em dia a senhora trabalha em que?

Colaboradora - *hoje em dia eu trabalho eu planto de banana, eu tenho banana, eu planto mandioca né, eu faço farinha, eu planto peroba, eu vendo a poupa né? É isso eu ganho um dinheirinho né...*

Segunda entrevista - Colaboradora: Maria Orilza Leal Seixas

Idade: 68 anos

Data de Nascimento: 24/04/1956

Data da entrevista: 06/07/2024 sábado.

Local da Entrevista: Residência da colaboradora, na comunidade Nossa Senhora Da Paz.

Entrevistadora: Raissa Nogueira Moreira.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Entrevistadora - Boa tarde. Hoje, dia 06 de julho de 2024, sábado, às exatamente às 2 e 14. Estamos aqui com a senhora. Como a senhora se chama?

Colaboradora - *Maria Orilza Leal Seixas.*

Entrevistadora - É quantos anos a senhora tem?

Colaboradora - 68

Entrevistadora - É qual sua data de nascimento?

Colaboradora - 24 do 04 de 56 (24/04/1956)

Entrevistadora - A senhora nasceu aqui na comunidade?

Colaboradora - *Nasci, me criei e estou até hoje aqui na localidade Nossa Senhora da paz.*

Entrevistadora - Sua mãe nasceu na comunidade?

Colaboradora - *Também, tudo aqui na Costa da Conceição... Comunidade da Costa da conceição.*

Entrevistadora - A senhora estudou, seguiu os estudos, até que série?

Colaboradora - *Só até a quarta série... é o que tinha.. antes era essa... era esse nível, só a quarta série e pronto...*

Entrevistadora - Na sua família quantas mulheres trabalham? E quais são esses tipos de trabalhos?

Colaboradora - *Na minha família, bom, tem umas que moram aqui na comunidade e outras moram na cidade. Aqui nós trabalhamos todos como agricultora né... Tem nossas plantas, banana planta o maracujá, a macaxeira, os que moram aqui... aqui nesse nível de trabalho, essas plantam... e na cidade ...tem ...acho que moram lá só uma... pelo que trabalha, que é uma irmã que é professora, tá ...tem o conhecimento.*

Entrevistadora - A senhora se casou?

Colaboradora - *casei*

Entrevistadora - Em que ano?

Colaboradora - 78 (1978)

Entrevistadora - A senhora teve filhos?

Colaboradora - 3 (3 filhos)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Entrevistadora - Como era a vida na comunidade? Pode descrever seu dia a dia antigamente?

Colaboradora: *Antigamente, não existia a comunidade. Não existe a comunidade. A gente frequentava uma igreja perto de onde agente morava, antes só era uma localidade. A gente ia para uma festa de ano em ano que era a Festa da Padroeira, mas era muito legal. Tenho muita saudade daquele tempo, porque era Festa... as pessoas ... ela, elas eram, não tinha... Você andava qualquer hora ...você passeava... não tinha esse medo que nós temos hoje, não...Muito legal, antigamente ele era bom demais...*

Entrevistadora - A senhora participa, A senhora colabora socialmente para desenvolvimento da comunidade?

Colaboradora - *Sim, colaboro sim.*

Entrevistadora - O que a senhora gosta de fazer? Pescar, dançar, estudar, namorar. Tem algo que a senhor gosta de fazer aqui na comunidade no interior?

Colaboradora: *Eu trabalho, gosto muito de trabalhar eu capino eu roço eu planto, E eu gosto de tá na comunidade ... eu canto... Eu apresento quando é festa da padroeira...Eu gosto da animação. (sorrisos)*

Entrevistadora - As mulheres desenvolvem algum trabalho aqui na comunidade tipo algum trabalho as mulheres?

Colaboradora: *Antes desenvolvia, a gente fazia uma horta a gente plantava algumas plantas. Aí veio a enchente e acabou, aí agora por enquanto tá parado. Mas já foi, já fizemos muito isso.*

Entrevistadora - É, a senhora estudou é nível superior? Fez faculdade? Ou algum, a senhora fez faculdade ou até a quarta série?

Colaboradora - *Só até a quarta série.*

Entrevistadora - E trabalho naquele tempo a senhora trabalhou. É tipo para ganhar o dinheirinho a mais? ou só na roça mesmo agricultura?

Colaboradora: *não, eu trabalhei uns anos como professora rural... Eu só tinha a quarta série... Mas naquela época ... a gente ia para a sede do município, fazia os treinamento, tudo bem... E a gente trabalhava, interessante porque era os nível... Era a primeira e quarta, era de primeira, quarta série... e a gente dava conta e eles aprendiam, isso que era mais ...(risos) bonito que eles aprendiam... Hoje eu tenho aluna que que é professora que é de nível superior, que trabalham no nível superior, e eu tenho vez... eu fico pensando...eu apenas com quarta série... mas elas passaram pela minha mão né. Orgulho né! é...*

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Entrevistadora – E a senhora se reconhece como uma mulher ribeirinha? O que representa ser uma mulher ribeirinha?

Colaboradora: *Olha... A gente como ribeirinha... A gente planta... A gente produz ...no momento ... vem tudo... vai de águas abaixo... Mas tem aquela Esperança... A enchente... ela leva sim, nosso produto, mas depois ela enriquece a terra... A gente planta o feijão, jerimum, aí tá feste (fértil) a terra... então, tem seus prejuízos, mas tem seus ganhos também...*

Entrevistadora - É Na história da sua família, teve alguma mulher que representa que tem representatividade aqui pra senhora aqui na comunidade? Sua vida? Assim representatividade?

Colaboradora: *Bom, aqui nós temos a nossa coordenadora né, a nossa coordenadora ela é muito, muito, muito esforçada ela é nosso representante, então nós admiramos muito ela ... ela tem um bom trabalho pra mim... né*

Entrevistadora - e aqui na comunidade, tem algum encontro de mulheres que a senhora participa?

Colaboradora: *Olha... no momento... agora... mas já teve... A organização das mulheres, tinha no momento... não tá ... agora, tem da igreja, a gente se reúne na igreja, mas já teve grupo de mulheres, já teve e foi muito bonito, pra estudar... e a gente tinha, a gente tinha as palestras... A gente fazia aquele estudo maravilhoso, muito bom...*

Entrevistadora - E existem mulheres aqui na comunidade que atuam pelo bem, pelo bem da sociedade aqui ribeirinha? da comunidade tipo, antigamente tinha a pastoral da criança né? mas hoje em dia assim mulheres que comandam a igreja?

Colaboradora: *Olha assim, no rito quando foi profundo mesmo que a ... que as casas foram tomadas pelas águas... tivemos (os)... o a igreja católica recebia muito... as Cáritas... elas nós ajudou bastante, não deixou nós na mão não, elas nos ajudaram bastante no meio da pandemia no caso... No meio da pandemia e no meio da enchente.*

Entrevistadora: A senhora criou seus filhos sozinha, ou contou com a ajuda de alguém do companheiro, marido alguém?

Colaboradora: *Eu e o meu marido, nós dois.*

Entrevistadora - É atualmente a senhora trabalha na roça? É a senhora vive disso? Se sustenta?

Colaboradora: *olha eu trabalho, mas eu tenho aposentadoria né zona rural. Mais o trabalho (agricultura) ajuda bastante, muito, muito mesmo e até dar um... pelo menos no nosso alimento, né... Nós tiramos daqui e aí de quem mora no interior e não plante alguma coisa né... tem que plantar...*

Colaboradora fez um poema que fala da vida dos ribeirinhos.

Minha terra tem história que precisam ser contadas, elas são maravilhosas e devem ser lembradas.

Tem um Rio que passa em frente com o volume da água permanente, era fartura constante, cheia de peixe bastante, pirarucu, peixe boi, tartaruga e o famoso tracajá, tínhamos naquela época os flechadores do lugar, Joveniano, João Nogueira, Félix e o Senhor Pereira. Quando eles iam pescar as pessoas iam olhar em cima da ribanceira, vendo eles flechar.

As senhoras tinham planta medicinal, fazia um bom remédio natural, não falava-se em pressão alta pois tudo era normal.

Os alimentos eram bons ricos em vitaminas. Viviam todos saldável velho, Curumin e menina, a cultura era indígena, por isso não se tinha ruína, o respeito e a obediência eram parceiro legal. Não tinha violência, lugar bom demais, passeavam senhores, senhoras, moça e rapaz e o olhar do pai para o filho dizia, tudo era capaz.

Obrigada!

(Galinha aos gritos ao fundo)

Terceira entrevista - Colaboradora: Maria do Carmo dos Santos Leal

Idade: 89 anos

Data de Nascimento: 16/07/1934

Local da entrevista: Residência da colaboradora, na comunidade Nossa Senhora Da Paz.

Data da entrevista: 06/07/2024.

Pesquisadora: Raissa Nogueira Moreira.

Primeira transcrição realizada entre os dias: 22 de julho de 2024 á dia 16/09/2024.



Entrevistadora - Boa tarde hoje, dia 06 de julho de 2024, sábado. (É), são exatamente 2 e 36. (Ruídos de televisão e animais) Estamos aqui com a senhora, como a senhora se chama?

Colaboradora: *Maria do Carmo dos Santos Leal*

Entrevistadora - Qual sua idade?

Colaboradora - *Minha idade tá prevista agora para o dia 16 enterá, 90 anos.*

Entrevistadora - Qual é a data do seu aniversário?

Colaboradora - *Dia 16 de julho... de julho de? agora de 1900 e, como é 2000 e, (2024) é 2004 (colaboradora confundiu sua data de aniversário). (entrevistadora e complicando, então a sua idade, a idade que a senhora nasceu não dia 18? (complicações) dia 16 de julho 1934. (16/07/1934)*

Entrevistadora - A senhora nasceu na comunidade?

Colaboradora: *nasci aqui na Costa da Conceição, aqui... Na comunidade... porque nessa época ainda não existia comunidade né... era só Conceição, canamã grande, cainamãzinho. E eu nasci nesse momento aqui nesse local... o lugar era São Pedro... o nome do lugar os velhos que butavam... do meu sogro aqui era a Caridade... do meu pai... lá era São Pedro, e eu nasci aqui na Costa da Conceição dia 16 de julho de 1934.*

Entrevistadora - A sua mãe nasceu aqui na comunidade?

Colaboradora: *A minha mãe nasceu, aonde eu nasci também na Conceição lugar que ela nasceu, na mesma região né, só que é como eu estava falando né, cainamã grande, cainamãzinho, a minha mãe era, no cainamã grande onde ela nasceu né, na mesma região do tu cainamã grande pra cá tu sabe bem como que é dai pra cá.*

Entrevistadora - É a senhora estudou?

Colaboradora: *rapaz... eu estudei na aqui ... eu estudei aqui até o terceiro ano... o primeiro, segundo terceiro, terceiro ano... Sim, era o primário naquela época né... tinha o ABC, ai depois do ABC a gente estudava primeira cartilha... da primeira cartilha a gente estudava... a gente... a gente estudava*

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

segunda cartilha... quando não era o primeiro ano, segundo ano até o terceiro ano. É, eu estudei, né... e só até ai (risos)

Entrevistadora - É na sua família quantas mulheres trabalham a senhora sabe?

Colaboradora: *Como assim? o trabalho das mulheres aqui, na comunidade, é alguém que tenha feito faculdade. Nas suas filhas! Na minhas filhas? da minha filha que trabalha. daqui, aqui mesmo dentro da comunidade ou fora da comunidade? É pode ser também dentro e fora da comunidade, (colaboradora) - É porque... bora dizer das minhas filhas que trabalha fora que tem é a Silvana, né? Silvana a que trabalha em Itacoatiara como professora né, a minhas filhas a Orilza ela trabalha mas não é de professora, ela já trabalhou um tempo ai, a Olenise também já trabalhou com professora, é catequista, ela trabalha pra Deus né, procurando a salvação dela da família dando bons exemplos pra quem quer né, pra quem não quer não quer ninguém não pode meter lá dentro da cabeça os bons exemplos que ela dá que ela, ensinando como é que Deus quer que nós vivamos aqui na face da terra, os nossos pais, os nossos irmãos, os nossos vizinhos, os nossos parentes, enfim. As pessoas que a gente mais se dedica ao convívio essas pessoas a gente procura viver melhor e procurando bons exemplos pra gente viver também.*

Pesquisadora - A senhora se casou?

Colaboradora: *casei.*

Entrevistadora - A senhora lembra o ano que foi que a senhora casou?

Colaboradora: *que eu me casei foi dia primeiro de agosto de 1951 (01/08/1951)*

Entrevistadora - A senhora teve filhos? quantos filhos?

Colaboradora: *eu teve uma dúzia (risos e risos) eu teve 13 filhos teve até um gêmeos, Manoel Arilton e Maria Arilda chamava Day e o menino Noel Gomes (risos)*

Entrevistadora - É aqui na comunidade, a senhora poderia descrever como era o dia a dia aqui na comunidade naquela época?

Colaboradora: *Quando eu me casei? Rapaz ...olha a comunidade mesmo veio surgir de 1970, mas antigamente, a gente era assim né, a gente convivia assim, era vizinho do outro era, era Costa da Conceição como já te falei, mas de comunidade ninguém não se tratava né, quando queriam fazer, uma festa um arraial dos santos era nas casas, nas casas. Tinha uma senhora aqui que o nome dela era dona Eugenia, ela era a bisavó do teu avô Mozart. A dona Eugenia na casa dela era festejava São Miguel Arcanjo. La tinha as noites de novena, lá depois da novena tinha, a novena era 9 noite, aí vinha o dia da procissão dia do Santos a procissão entrava com o mastro, e no mastro para botava no mastro. Aí quando terminava a procissão eles derrubavam e entravam com mastro pra dentro lá na sala e era aquela maior alegria ai daí por diante era música era música boa, e a gente dançava, dançava e era tão alegre tão animada, quando era pelo Carnaval. Quer que eu conte no Carnaval? pode contar (gargalhadas) quando era pelo carnaval, minha filha. A gente era maior alegria. Naquele tempo não tinha negócio de gente que anda assim, maconhada, se existia ninguém sabia. E todo mundo se alegrava, faziam bloco aqui primeiro ano que eu brinquei de bloco, foi em 47, 1947 primeiro ano que eu estava parece, eu tinha meus 15 anos, Ai, eu brinquei. Olha esse ano no outro ano eu brinquei no bloco das minhas primas já, que era o bloco das Ciganas, esse bloco do primeiro ano, era bom mais*

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

não era lá muito bom que era de gente rico né, e e eu não gostava me sentia bem, que graças a Deus eu brincava com todo pessoal era legal, e a gente brincava, e o segundo ano que eu brinquei já foi melhor, com minhas primas, né? E aí elas sabem organizar bem dançava a noite inteira, Pulava o carnaval na sala, e cantava e sambava e bailava e a coisa era boa mesmo e namorava, tudo a gente acaba era de manhã, 5 horas da manhã, 4 horas da manhã a mamãe chamava, já está na hora rumbora, fica tudo que ficar pra lá, era muito animado, animado, animado, se o porre chegava dormia por ai por onde quisesse dormir e ninguém mexia com ele, e não se via briga, nada, alguma rererezinha que tinha de ser. (ela estava muito emocionada).

Me desculpe lhe interrompi.

Entrevistadora - A senhora se reconhece como uma mulher ribeirinha? Qual a importância de uma mulher ribeirinha pra senhora?

Colaboradora: *Olha minha filha me reconheço como uma mulher ribeirinha porque eu nasci nesse ribeirão de Amazonas né, então olha quando eu nasci, desde o meu nascimento eu não lembro quando eu nasci porque nenhum de nós conseguimos. (gargalhadas) mas na minha meninice olha era aqui na nossa região era muito longa pra chegar na beira do rio, era agente andava daqui pra minha sogra, aqui era lugar da minha sogra, onde tô morando, mais era a distância daqui pro Raimundo ali que era nossa casa, olha minha filha, tinha minha vó e ela gostava muito de capinar e naquele tempo ela capinava o terreiro aquela área enorme o terreiro ela varria tudo aquele terreiro, e agente brincava, brincava, brincava de bola com os colegas da gente (risos), quando a gente não tava brincando na casa da gente tava na casa dos vizinha com seus colegas, (emoções fortes, lágrimas nos olhos) então tinha era grande e então tinha uma baixa, daí e ela capinava e sempre era acostuada, ai tinha uma baixa agente descia aquela baixa ai andava pedaço e subia da baixa da gente subia já tinha uma restinga na frente daí que nos descia pra pegar agua lá longe, olha não tinha esses negócios desses balde que agora tem bacanas, era no balde da cuia, cuia era nossos baldes, finada Zezé mãe da, vó da Vanely, lá tinha umas cuia grande, a mamãe ia buscar lá bora lá na tua tia pegar cuia rum bora lá pegar, e fazia pra ela, e pra nós na vovó tinha, lá em casa tinha e ela fazia uns menores pra nós, quando era 5 horas da manhã todo mundo fora não dormia até 7 horas não minha filha hoje em dia o caboco velho dorme até não querer mais, e ai a mamãe rumbora alevanta todo mundo, papai já se levantava, mamãe fazia o café, papai tomava o café e ia embora trabalhar que ele trabalhava lá pro Santa maria, meu papai era carpinteiro, ai nós e a mamãe eu e meu irmão mais velho que já morreu finado Sisito, tu não chegou a ver, tia Socorro ai eu a mamãe a mamãe com dois balde maior, e nós com, nos ia lá na beira do rio com ela e dava três ou quatro viagem enchia tudo pra passar o dia, quando era cinco horas da tarde descia de novo pra tornar encher agua e tomava nosso banho e nos preparava pra ir pra casa dos vizinhos brincar e era só alegria, dormia que só. (risos de ambas).*

Entrevistadora - É, deixa eu te perguntar, é, a senhora criou seus filhos sozinha? Senhora contou com a ajuda de alguém, do seu marido ser de alguém, alguém ajudou a cuidar dos seus filhos?

Colaboradora - *Criei meus filhos com meu marido junto com ele e só deixei ele quando Deus disse pra ele, venha embora que já chegou teu dia (risos), aí criei junto com ele. (barulho de televisão muito alta)*

Entrevistadora - É e naquele tempo que a senhora era mais novinha? A senhora trabalhava com o quê? Para ajudar o seu marido? A senhora trabalhava com o quê?

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Colaboradora: Olha minha filha marido sempre foi agricultor, ele trabalhava Na Na agricultura. A gente Plantava milho agente plantava Feijão, a gente plantava mandioca, essas coisas assim, o jerimum aaa a gente plantava isso, era nisso que eu o ajudava, tinha meu balcãozinho na beira da casa, da cebola do coentro da colve. sempre teve, dava pra sobreviver, hoje a senhora já é de idade (traz pra mim minha neta uma folha de colve) mas, ainda vive bem, não tem com o que se preocupar. Não Graças a Deus, Graças a Deus gente. Meus filhos Graças a Deus, depois que meu marido morreu já de idade e aí fiquei com eles tudo criado e já me serviam, eu agradeço muito eles que graças a Deus não esquecem de mim, (graças a Deus) e aliás eu tenho 12 então esses dois moram comigo (risadas) E os outros moram aqui pelo lado também ajudam né? aqui e ali é, daqui ali, vem um lá aparece uma vai fazer uma coisinha daqui e outro o traz um peixinho uma farinha e assim eu vou levando a vida até quando Deus quiser. ainda vai demorar muito. Então muito obrigado essa aqui é a Maria Do Carmo.

Documento da bênção da capela de Nossa Senhora Da Paz.

A capela de Nossa senhora da paz foi fundada no dia 27 de outubro de 1990, porém no dia 27 de janeiro de 1992, realizou-se a bênção da capela. As características da capela vieram mudando com o tempo, pois somente a frente era de alvenaria e o restante era de madeira, com o tempo a igreja foi mudando, foi ganhando forma e juntamente com os comunitários depois de muita luta, conseguiram estruturar e fazendo-a toda de alvenaria, com o documento em mãos entregue no dia 08 de setembro de 2024, as 16:31 horas, depois de uma grande busca encontramos e a senhora Maria Orilza, que fez questão de me entregar e disse que o presidente da comunidade Civaldo guardava desde aquele tempo, quando comandava a igreja. O documento contém quatro páginas, com passar do tempo elas foram se desgastando, pois esse foi o motivo de ter que transcrever com todo cuidado. No documento tem a seguinte frase: Esta igreja foi construída com a ajuda de Deus e o esforço dos comunitários, graças a Deus! O presidente que era o coordenador da comunidade na época e que guardava com todo carinho, disse que aquele documento era um registro para os alunos futuros, buscando incentivar a história da comunidade, a história local.

O documento descreve todo processo desde a chegada das comunidades vizinhas, as bênções dada pelo bispo Dom Jorge e a festa que ocorreu durante o dia todo, pela manhã tiveram a chegada da equipe Shalon, houve estudo bíblico até as 11 horas, as 12 horas houve almoço comunitário e as 14 horas ensaio de canto e a chegada de duas comunidades, as 15 horas foi celebrada a missa com batismo, bênção da capela e uma pequena caminhada, D. Jorge deu oportunidade para todos os representantes das comunidades e todas usaram a palavra. Logo as 18 horas chegada das comunidades pentecostal e adventista, a festa continuou com dramatizações poesias e bingo.

Carta da Bispo, dizia assim:

(...) caros irmãos e irmãs! No mês de janeiro acompanhei irmã Frances que anima as comunidades de Itacoatiara-oeste- rio acima. Passamos um dia na nova comunidade de Nossa Senhora da Paz, na costa da conceição. Foi um dia de festa juntos dedicamos a nova capela, casa onde o povo se reúne para louvar a Deus, ouvir sua palavra, ganhar força para construir o reino. Vieram gente das comunidades vizinhas. Para alegria de todos acolhemos alguns irmãos da igreja Pentecostal e adventista. De noite, depois da missa e da janta

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

comunitária, ficamos reunidos na frente da nova capela. No sereno e na brisa da noite, assistimos dramatizações do evangelho, cantos e hinos. Todos participaram! Os irmãos e Irmãs das outras igrejas Cristãs, também contribuíram com músicas e sua fé. Festa diferente! Festa de irmãos e irmãs na fé, festa de união, apesar das diferenças é assim que Deus quer, que ele seja louvado.

Que nosso Deus, o Deus de Jesus, o Deus da vida e da libertação abençoe todos vocês. Com esta, vai um abraço deste seu Irmão em Cristo, JORGE.

Itacoatiara, 01 de março de 1992.

O documento também faz menção a Organização da Prelazia, que nele expressa como ficaram divididas as funções da igreja, perante o conselho da comunidade, (exemplo: coordenação da comunidade, jovens, catequese, mulheres e homens sindicato, grupo de trabalho etc.) retrata a duração da coordenação, que é de dois anos, deve ser avaliada depois de 1 ano e pode ser reeleita. Em níveis de Prelazia, fala sobre a assembleia do povo, conselho pastoral, funções do conselho, os representantes, este conselho se reunirá duas vezes por ano. O documento também nos mostra as funções da:

A Campanha da Fraternidade-1992.

VOCÊ SABE COMO SURTIU A CAMPANHA DA FRATERNIDADE?

Foi da ideia de três Sacerdotes que trabalhavam no Nordeste 1961, quiseram angariar fundos para atividades assistenciais e promocionais.

Em 1962, aconteceu a 1ª- CAMPANHA DA FRATERNIDADE, em Natal no Rio Grande do Norte, com a participação de apenas três Dioceses.

Em 1964, a CAMPANHA DA FRATERNIDADE, começou a ter uma difusão Nacional, mas foi somente em 1971 que teve a sua consolidação como "CAMPANHA INSTITUCIONAL" da CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB).

O período oficial da CAMPANHA DA FRATERNIDADE é de Quarta-Feira de Cinzas até o domingo de Páscoa. Por esse motivo o domingo de páscoa passou a chamar-se também: DIA DA FRATERNIDADE.

Neste ano de 1992, a CAMPANHA DA FRATERNIDADE, lança um desafio para a renovação de Igreja: É HORA DE ABRIR-SE AO NOVO.

Com o Tema da Fraternidade, a comunidade deseja que todas as famílias deem mais apoio aos Jovens, acreditem mais na Juventude, para que, essa Juventude que ai está, possa ser protagonista de sua própria história. Não conseguir prosseguir essa parte pois o documento está rasgado e o restante não está visível.

O documento seguiu dizendo abaixo em outro parágrafo que.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

E tudo isso está acontecendo num momento importante da vida eclesial Latino-Americana, pois neste ano, estamos celebrando os 500 anos da presença da Igreja na América Latina e será realizada também, em Santo Domingo a Quarta Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano.

Que o Espírito Santo, nos ilumine, para que todos nós possamos colocar em prática o SENTIDO da CAMPANHA DA FRATERNIDADE:

"É HORA DE ABRIR-SE AO NOVO"

Com um abraço fraterno

Equipe Central da CF/92 da Prelazia de Itacoatiara.

CARTA DE CESSÃO

Itacoatiara, 06 de 07 de 2024.

Destinatário,

Eu, Oliverio Leal Vazquez, portador do RG
nº 273.304.352.87, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha
entrevista gravada em 06/07/2024 para _____
_____ usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de
prazos ou citações, desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus
descendentes quanto ao objeto desta carta de sessão, subscrevo a presente.

Oliverio Leal Vazquez

Assinatura do Depoente



CARTA DE CESSÃO

Itacoatiara, 06 de 07 de 2024

Destinatário,

Eu, Maria Orliza Leal Seixas, portador do RG
nº 0355727-4, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha
entrevista gravada em 06/07/2024 para

_____ usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de
prazos ou citações, desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus
descendentes quanto ao objeto desta carta de cessão, subscrevo a presente.

Maria Orliza Leal Seixas
Assinatura do Depoente



CARTA DE CESSÃO

Itacoatiara, 06 de 07 de 2024

Destinatário,

Eu, Maria do Carmo Santos Beal, portador do RG nº 888.290, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em 06/07/2024 para _____ usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto desta carta de sessão, subscrevo a presente.

Maria do Carmo Santos Beal

Assinatura do Depoente